



CORPO E ALMA* **

10.62506/phs.v6i2.263

[65] Ilustríssima congregação!

Com jubilosa satisfação, cumprimento a todos os membros, vindos de todos os lugares e aqui reunidos para o Terceiro Congresso Internacional de Psicólogos, que tenho a honra de abrir com essas palavras. Dado que a história prévia de nosso encontro não deve ser suficientemente conhecida por muitos participantes, quero lançar um breve olhar retrospectivo às conferências dos dois primeiros congressos, o que se configura também, automaticamente, como uma caracterização das proposições metódicas fundamentais da Psicologia mais recente.

O Primeiro Congresso Internacional de Psicólogos, que ocorreu em Paris, em 1889, sob a presidência do Sr. Ribot, trouxe o título “de Psicologia Fisiológica”. Sua ocorrência se deveu principalmente à atividade enérgica do Sr. Ribot e ao trabalho conjunto das “sociedades psicológicas”, que se constituíram nas capitais de diferentes países [66] principalmente para o estudo de fenômenos hipnóticos e alucinações telepáticas. Tais problemas constavam também, junto à questão da hereditariedade, em primeiro plano nas conferências.

O Segundo Congresso, em Londres, em 1892, trouxe, de acordo com uma determinação já encontrada em Paris, o título “de Psicologia Experimental” — ainda que, como destacou o Sr. Sidgwick, o presidente deste congresso, o adjetivo “experimental” devesse ser entendido apenas no sentido geral de pesquisa que repousa sobre observação metódica, indutiva e desmembramento dos fatos. As preleções e conferências do Segundo Congresso já se relacionavam com um círculo consideravelmente mais amplo de objetos, mesmo que os vestígios da origem destes empreendimentos estivessem ainda estampados neles.

Do mesmo modo, o programa de nosso Terceiro Congresso aparece-nos mais desenvolvido, compreendendo uma — eu quase quereria dizer intimidadora —, mas, em verdade, altamente satisfatória diversidade de preleções. Perante este programa também não se terá a sensação de que ele tenha sido compilado de maneira homogênea ou que o número de preleções sobre as matérias individuais corresponda sempre, com precisão, à sua importância científica. A compilação não foi feita por [67] ninguém, mas se fez por si própria e pode, nessa medida, ser considerada como uma expressão dos interesses factualmente dominantes no tempo atual ou, pelo menos — que eu diga mais precisamente —, como expressão dos interesses que podem esperar de um congresso sustento e satisfação.

Nós consideramos desde o início a pergunta sobre como e onde, em especial perante o assim chamado ocultismo, deveria ser estabelecido o limite das preleções admissíveis, i.e., daquelas que permitem esperar uma discussão frutuosa neste lugar. Mas, entre as preleções realmente submetidas, poderiam cair no escopo dessa pergunta apenas aquelas sobre telepatia: e aqui pareceu-nos o correto, por conta da reconhecida posição científica dos apresentadores, admitir sem receios essas poucas preleções. Mesmo que eu tenha muitas dúvidas sobre se, no tempo atual — dado que os físicos eliminaram os efeitos de longa distância¹ de suas considerações — a doutrina dos efeitos psíquicos de longa distância pode contar com um humor receptivo, ainda assim, cabe aos adeptos da Filosofia da experiência (*Erfahrungsphilosophie*) não julgar sobre isso *a priori* e não se defrontarem com pesquisadores respeitáveis através do silêncio, mas sim do escrutínio de seus argumentos.

Ao mesmo tempo, foi providenciada também para esse Terceiro Congresso uma alteração do título, na medida em que o designamos, de modo curto, como “Congresso de Psicologia”. [68] O estímulo para isso veio do seio do próprio comitê local. Para mim, a princípio, o adjetivo “experimental” parecia, de todo modo, útil perante certos direcionamentos que meramente discursam com prolixidade e deduzem abstratamente, que não morreram ainda por completo na Alemanha. Pois é a minha convicção que o experimento psicológico, no sentido mais estrito e próprio, tal como foi praticado até então, sobretudo nos domínios das percepções sensíveis e reações motoras — a despeito de seus resultados objetivos, que o leigo superestima com mais

Carl Stumpf[†]

¹ Discurso de abertura do Congresso Internacional de Psicologia Munique, 4 de Agosto de 1896. Originalmente publicado em: Stumpf, C. (1910) *Philosophische Reden und Vorträge*. (pp. 65-93) Leipzig: Verlag von Johann Ambrosius Barth. [N.T] Para verter o texto com maior fidelidade e evitar uma não rara uniformização destes termos, opto pela tradução de *Seele* por “alma”, *Geist* por “espírito” e *Psychisches* por “psíquico”. Por óbvio, adjetivos derivados destes substantivos acompanham a mesma decisão — i.e., *seelisch*, “anímico”; *geistig*, “espiritual”; *psychisch*, “psíquico”. Algumas soluções menores para passagens mais complicadas foram obtidas em cotejo com uma versão francesa do discurso, publicada no mesmo ano de 1896, em *La Revue Scientifique*. Em que pese ser essa versão uma espécie de resumo / rearranjo simplificado do original alemão, ela preserva muitas seções do original com fidelidade, tendo permitido justamente nestas o cotejo citado.

* Texto original “Leib und Seele” (pp. 65-93), publicado em *Philosophische Reden und Vorträge*, Leipzig, Verlag von Johann Ambrosius Barth, 1910.

** Tradução de Flávio Vieira Curvello (Departamento de Filosofia, Universidade Federal da Bahia). Email: filo.fvc@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9072-4472>. Tradução integral a partir do original, cotejo com a versão francesa referida, escrita de aparato crítico sob o formato de notas de rodapé, escrita de observações sobre critérios de tradução também em notas de rodapé.

¹ [N.T] Opto aqui por traduzir o termo técnico físico *Fernwirkung* pela expressão também técnica “efeito de longa distância”. Isso já assinala a opção geral por se traduzir *Wirkung* por “efeito”, o que orientará as traduções de *gemeinsame Wirkung* por “efeito comum”; *aufeinanderwirken* por “ter efeito um sobre o outro”; *Mitwirkung* por “efeito concorrente”; e *Zusammenwirken* por “efeito conjunto”. Exceção será feita apenas a *Wechselwirkung*, que significa literalmente “efeito recíproco”, mas conta já com uma tradução prioritária, mais consolidada, por “interação”.



facilidade que o instruído —, possui um valor eminente para a instrução do pensamento psicológico, presumindo-se que o pensamento se conecte com a prática. Quem, de tal maneira, conheceu o enredamento extraordinário de fatores que jaz em uma só questão do domínio sensorial, não apenas se guardará de julgar sobre questões de experimento sem ter um conhecimento próprio e preciso das circunstâncias, mas também estará protegido da confiança exagerada, do manuseio sumário, das generalizações apressadas nos domínios ainda mais obscuros e intrincados da vida anímica (*Seelenleben*).

Não obstante, o desejo do comitê não deixou que se perdesse a sua justificação. Dizíamos a nós mesmos que a imprescindibilidade do experimento já é, a este tempo, admitida quase em geral e que [69] hoje tratar-se-ia muito mais de evitar a aparência da unilateralidade e promover o trabalho conjunto de todas as direções para as quais é cara a construção de uma Psicologia científica.

De fato, por quantos lados e por quantos caminhos não tenta o nosso tempo penetrar no mistério da vida anímica! Vemos o etnólogo e o linguista, o jurista, o sociólogo e o historiador, o gnosílogo, o esteta, o pedagogo não menos no trabalho do que o anatomista, o zoólogo, o fisiólogo, o patologista e o psiquiatra. Entre os psicólogos de formação, um dá ênfase à mera auto-observação (*Selbstbeobachtung*), o outro à observação comparada do desenvolvimento animal e infantil, o terceiro ao experimento, mesmo que também em conexão com a auto-observação. Um avança através da análise (*Zergliederung*) meramente descritiva até os elementos mais finos, o outro busca explicações por meio de uma mecânica fisiológica ou psicológica engenhosamente concebida. Quase todos tendem a tomar o seu caminho como único ou o mais destacadamente produtivo, até que a prática lhe mostre que ele não pode prescindir dos demais.²

O singelo título “Congresso de Psicologia” deveria sugerir que são bem-vindos todos aqueles que [70] abordem ou relatem, de uma forma instrutiva para o estudo psicológico, sobre quaisquer fatos que estejam em relação com a Psicologia.

Assim, nosso congresso efetivamente se tornou, ao mesmo tempo, um tipo de conclave para os representantes de todas as ciências que margeiam a Psicologia. Se alguém objeta, então, que ele não deveria mais, de modo algum, ser chamado de um congresso psicológico, mas sim, em vez disso, de um congresso médico-psicológico, então lhe concedemos esse divertimento. A questão principal permanece sendo a de que aprendamos tanto quanto possível uns dos outros e a de que isso ocorrerá preferencialmente deste modo, do que se apenas psicólogos de formação se sentassem aqui.

Uma convicção metódica une, contudo, todos os adeptos e amigos da mais recente Psicologia: o peso decisivo que atribuímos à proliferação e ao refinamento de nossos conhecimentos factuais. Como refinamento, considero sobretudo o tratamento quantitativo. Onde já se contentaram com indicações quantitativas indeterminadas, como, e.g., que uma peculiaridade da sensação, uma direção da associação de ideias, do sentir ou querer ocorra “raramente, frequentemente, habitualmente, quase sem exceção”; que um desempenho da memória se suceda “com impressionante segurança”; que um certo afeto aumente a frequência do pulso ou mova o sangue para a cabeça — aí queremos, agora, contar e medir, tanto quanto [71] é possível. Apenas por meio disso podem ser evitadas as ilusões às quais está sujeita a mera estimativa, baseada no olhar panorâmico, superficial. E mesmo que a mensuração tenha os seus limites, a quantificação, pelo menos, é possível em todo lugar. Toda função espiritual (*geistige Funktion*), mesmo a mais sublime, pode ser submetida à consideração estatística. Não se pode negar que aí também, ocasionalmente, aparece a assim chamada “doença estatística”, na qual alguma mensuração ou quantificação conduzida com impecável exatidão é indiferente ou, de fora a fora, sem sentido para o conhecimento da coisa, e na qual tanto o instrumento quanto o seu usuário³ parecem expulsar o espírito das ciências do espírito. Mas não vamos deixar novamente, em prol dos lados sombrios, que se perca o ganho que trouxe à nossa sociedade o penetrar em uma forma de pensar, no melhor e mais saudável sentido, *positivista*.⁴

Uma vez que citei, assim, os mais gerais princípios metódicos que nos unem, a despeito de algumas divergências no particular, quero agora também dar expressão às convicções objetivas mais gerais: e a quais outras questões poderiam elas se referir senão à *relação entre alma e corpo* (*Leib*)⁵, entre o psíquico e o físico? Aí culmina, efetivamente, o esforço de toda época que obtenha um posicionamento mais satisfatório perante tal questão, decisiva para toda a visão de mundo (*Weltanschauung*).

[72] Se estamos, então, todos de acordo sobre a relação com o domínio físico atravessar a nossa vida anímica inteira e se progredimos, dia após dia, no conhecimento dos detalhes dessa relação, então será pouco possível encontrar uma fórmula mais precisa, na qual possam se expressar nossas intuições gerais sobre a natureza dessa relação. E, assim, enquanto retrato o desenvolvimento das ideias nos últimos decênios, não

2 [N.T] Podemos encontrar na *Psychologie vom empirischen Standpunkt*, de Brentano, observações valiosas sobre essa diversidade metodológica da Psicologia (PES, I.2, §§ 4-7, pp. 42-52), bem como discussões específicas sobre o problema da auto-observação (PES, I.2, § 2, pp. 35-36).

3 [N.T] Stumpf escreve, a rigor, “*Kärner und Krämer*”, i.e. a “carroça” e o “condutor que transporta algo nela”. Opto por verter apenas o sentido da expressão, em prol da legibilidade.

4 [N.T] A Escola de Brentano já expressou de diversos modos a sua peculiar relação de inspiração, mas também contrariedade com o positivismo. Em Brentano, e.g., encontramos o ensaio da *Chilianeum, Auguste Comte und die positive Philosophie* (1869), os manuscritos homônimos do espólio compilados em *Geschichte der Philosophie der Neuzeit* (1987, pp. 246-294) e diferentes passagens da *Psychologie vom empirischen Standpunkt* (PES, I.2, §§ 2-3, pp. 39-43, § 7, p. 54; I.3, § 5, pp. 60-62, § 6, p. 69, entre outras). Já em Husserl, encontramos a curiosa reivindicação sobre serem fenomenólogos os verdadeiros positivistas (Hua III/1, § 20, p. 41).

5 [N.T] Como a tradição fenomenológica saberá reconhecer e enfatizar, a noção de *Leib* indica “corpo” no sentido de um “corpo vivo”, ao passo que a noção de *Körper* indica “corpo” no sentido de “mero corpo”, “mera coisa física” (cf. e.g. Fischer & Wehrle, 2010, p. 188).



vou me abster da crítica e, mesmo que negligencie as funções da embocadura, não poderei reprimir uma nota própria.⁶

O fundador da Psicofísica, o honorável Fechner, dedicou toda a força de seu gênio, de seu profundo ânimo e brilhante dom de escritor a fomentar o êxito de uma perspectiva monista, de acordo com a qual processos espirituais e corporais são apenas dois lados de um só e mesmo processo; corpo e alma, apenas o modo de aparecimento (*Erscheinungsweise*) externo e interno de um só e mesmo ente existente (*Wesen*). Fechner recebeu essa doutrina da Filosofia especulativa, idealista. Como ele mesmo diz, ele “caiu originalmente, com toda a sua Filosofia, do mesmo tronco que Schelling.” Antes disso, Spinoza já havia, sabidamente, enunciado o monismo em um sentido similar.

Mas infelizmente, como tudo no mundo, também essa teoria de dois lados tem os seus dois lados: ela é [73] grandiosa, poética, atraente — mas obscura. A natureza heterogênea do físico e do psíquico não pode ser enfatizada com mais precisão do que ocorre aqui: o lado físico é extenso ou, pelo menos, subordinado às leis da Geometria e da Física matemática; o lado espiritual é inextenso, imensurável de acordo com comprimento, largura e profundidade, incalculável de acordo com massa e velocidade. O que deve querer dizer, então, que um represente apenas o lado avesso ou o lado de dentro do outro, ninguém ainda soube explicar de outro modo que não através de alegorias — como espelhamento, curvatura côncava e convexa de uma superfície etc. —, que, em geral, repousam propriamente sobre uma perspectiva dualista (pode-se, e.g., falar sobre côncavo e convexo apenas em relação a duas partes realmente diferentes do espaço, a partir das quais a superfície é considerada). Também uma substância unitária, que deva se “expressar” em ambos os atributos, do físico e do psíquico, nada é além de uma palavra, que só expressa a necessidade de se esquivar do dualismo, sem, no entanto, verdadeiramente fazer a ponte sobre o abismo que há para o nosso entendimento.

Podemos, contudo, falar ainda em outro sentido de diferentes “lados” de um estado ou processo em si unitário, no qual distinções espaciais não constituem o fundamento, como nas expressões “lado avesso” [74] ou “lado de dentro e lado de fora”: quando nós, e.g., distinguimos (*auseinanderhalten*) em uma sensação a sua qualidade e sua força ou, em um movimento, a sua direção e velocidade, mesmo que esses assim chamados “momentos” ou “lados” não existam por si e não possam ser representados por si.⁷

Se empregamos esse conceito em nosso caso, então o físico e o psíquico seriam, de acordo com isso, apenas abstrações, das quais cada uma descreveria o processo real e unitário apenas de maneira incompleta, como quando descrevemos um movimento apenas de acordo com a sua direção.

Já essa consequência não deveria corresponder nem à opinião dos nossos monistas, nem aos fatos. Antes de qualquer outra coisa, no entanto, o conceito estaria na mais clara contradição justo com a intuição que para o monista vale como a mais fundamental: a saber, a de que o corporal e o espiritual seguem, de fora a fora, em paralelo. Pois nós distinguimos a direção e a velocidade em um movimento apenas porque e na medida em que o movimento pode se alterar de acordo com a sua velocidade, sem, ao mesmo tempo, alterar a sua direção, e vice-versa. Do mesmo modo, não distinguiríamos a qualidade e a intensidade em uma sensação se elas não se apresentassem, pelo menos em algum grau, como *independentemente* alteráveis. Assim, precisamente [75] aquilo que deve ser constatado e trazido à mais resoluta expressão através da afirmação de que se trata apenas de lados diferentes de um processo, o paralelismo inviolável das alterações — precisamente isso é *negado* quando falamos de lados nesse sentido. E, ainda assim, este é o único conceito da experiência, além da inteiramente inaplicável significação espacial, que pode ser trazido para cá para auxiliar que a mera palavra se torne um efetivo conceito.

Agora, pode-se desistir, em geral, tanto das formulações ou alegorias preferidas de Fechner quanto da expressão abstrata e do conceito de “dois lados”, bem como de se considerar o segredo dessa conexão como insolúvel, mas se preservar, ainda assim, a doutrina de Fechner segundo a qual os processos em ambos os domínios *seguem continuamente em paralelo, sem jamais ter efeitos um sobre o outro ou se unirem em um efeito comum (zu gemeinsamer Wirkung)*.

A interação (*Wechselwirkung*), assim ouvimos, seria excluída pela natureza heterogênea dos processos. Além disso, os movimentos automáticos e orientados que o organismo realizaria a partir de forças puramente físicas mostrariam exatamente os mesmos desempenhos que foram atribuídos às atividades do espírito (*Seele-tätigkeiten*). Por fim, a lei da conservação da energia⁸ pressuporia que o movimento sempre produz apenas movimento e é produzido apenas por movimento.

[76] Agora, de acordo com isso, cada um dos dois mundos corre como se o outro não existisse. Em especial o mundo psíquico é inteiramente sem influência, irrelevante para o curso e o desenvolvimento do físico.

6 [N.T.] Stumpf emprega aqui termos técnicos de música como analogia: *Sprachrohr* consiste na peça chamada “embocadura” e que existe em instrumentos de sopro; *Ton*, presente no termo *Eigenton*, significa, entre outras coisas, “nota” musical. Ele quer basicamente dizer que deixará de lado a “embocadura” — sua posição formal de mero responsável pela abertura de um evento — e oferecerá uma “nota própria” — um posicionamento seu sobre o assunto retratado. Sobre a profunda relação de Stumpf com a música, cf. sua *Selbstdarstellung* (1924, p. 206) e *Anfänge der Musik* (1909).

7 [N.T.] Stumpf menciona aqui uma de suas teses mereológicas fundamentais, expressa já em *Über den psychologischen Ursprung der Raumvorstellung* (1873, §§ 5-6, pp. 106-141) — cf. também *Selbstdarstellung*, p. 244; Spiegelberg, 1965, p. 62. Para um olhar sobre outras expressões destas ideias na Escola de Brentano, cf. Brentano (PES, II.4, § 1, pp. 204-206; DP, I.2, §§ 3-8, pp. 13-14) e Husserl (Hua XIX, 3.LU, §§ 1-13, pp. 229-266).

8 [N.T.] A lei em questão foi definida por Hermann von Helmholtz, em seu ensaio *Über die Wechselwirkung der Naturkräfte und die darauf bezüglichen neuesten Ermittlungen der Physik*, de 1854: “[...] a totalidade da natureza possui uma reserva de força capaz de produzir efeitos [...] que não pode ser nem aumentada, nem reduzida de maneira alguma”; por conseguinte, “[...] a quantidade de força capaz de produzir efeitos [...] na natureza inorgânica é tão eterna e inalterável quanto a quantidade de matéria.” (1903, p. 65)



Os organismos vivem e agem, os seres humanos fundam estados, escrevem poesia, oferecem mesmo congressos de Psicologia, movidos por forças físicas, como se nenhum pensamento, sentimento ou vontade existisse.

Não resta nenhuma dúvida de que a mais rigorosa consequência seja esta — fomos, afinal, conduzidos a pensar de maneira generalizada o caso dos movimentos que ocorrem automaticamente, sem consciência. Deparamo-nos, assim, com explicações análogas onde quer que estejamos. Quem não reconhece as consequências, encontra-se já em um ponto de vista intermediário, como o que buscamos caracterizar na sequência.

Mais especificamente, duas formas da doutrina do paralelismo foram desenvolvidas. De acordo com uma, apenas o físico se mantém conectado por vias causais, enquanto a série psíquica, em si, não possui nenhuma causalidade — tampouco quanto sombras e imagens especulares têm efeito umas sobre as outras (*au-feinanderwirken*). E, uma vez que só aquilo que tem efeitos merece o nome de efetivo (*des Wirklichen*), então, de acordo com essa perspectiva, para se falar com as palavras de um de seus representantes, “a consciência, propriamente, não é nada em si mesma”. De acordo com a outra visão, também o psíquico compõe uma [77] série de desenvolvimento ininterrupta e causalmente conectada, na qual, portanto, também sensações surgem de estados psíquicos pretéritos e os atos de vontade referentes às ações externas têm de ter, antes, efeitos internos do que externos — de modo geral, a cadeia da vida psíquica tem de ser pensada como prolongada, a partir de cada ponto, em sentido progressivo ou regressivo, sem lacunas, até o infinito.

Não quero adentrar nas dificuldades em que se enredam, em especial, cada uma dessas duas formas.⁹ No insólito empreendimento da teoria das sombras — negar a causalidade justamente ao domínio de cujos aparecimentos haurimos o conceito de causalidade e reconhecê-la exclusivamente no domínio em que a causalidade jamais pode ser *percebida*, mas sempre apenas *pressuposta*. No grande auto-engano dos panpsiquistas, como se o enigma da conexão do físico com o psíquico se tornasse menor através de sua extensão a todo o mundo e como se ainda possuíssem algum sentido as palavras sensação e vontade, empregadas na suposta e inteiramente inconsciente vida anímica da matéria inorgânica. Na estranha pergunta sobre qual é, propriamente, o efeito da decisão voluntária sobre o movimento corporal, senão o movimento, e qual é, então, propriamente, a causa da sensação, se não a [78] excitação nervosa. No fracasso de todas as tentativas até então, mesmo de maneira puramente hipotética, de se construir os processos físicos paralelos aos processos intelectuais de uma forma crível e não imediatamente contraditória perante os fatos psíquicos observados.

Mas eu posso encontrar na doutrina do paralelismo, em geral, em vez do louvado monismo, apenas um *dualismo*, tão impactante como ele jamais surgiu. A heterogeneidade dos domínios é preservada, mas a interação (*Wechselwirkung*) negada; não se fala mais da substância unitária que, de todo modo, foi apenas um recurso ilusório, e, assim, o seguir em paralelo dos dois mundos parece mais inapreensível do que, até mesmo, na descreditada doutrina de Geulincx e Malebranche. Mesmo que nunca se possa aniquilar uma teoria com uma palavra de impacto, como “dualismo”, é permitida retribuição àqueles que a empregaram de modo equivocado e injusto como arma. E justamente isso me parece ocorrer da parte de tantos que se chamam com ênfase de “monistas”.

Até à coisa mesma¹⁰ devemos conduzir a questão sobre se a consequência da investigação da natureza, em especial da doutrina da evolução — mesmo que tenhamos de deixar a Filosofia de lado —, não obriga a se apreender o mundo em todas as suas partes como um todo causalmente conectado, no qual tudo o que é efetivo (*jedes Wirkliche*) [79] desempenha o seu trabalho e não é excluído da interação (*Wechselwirkung*) geral; e — se todos hão de responder afirmativamente a isso — a outra pergunta sobre se são tão prementes, como parecem a muitos, os fundamentos de acordo com os quais todo o mundo do psíquico deve ser excluído da efetividade neste sentido ou da interação geral.

A heterogeneidade não deixará valer, após as investigações de Hume, nenhuma introversão mais como um argumento sério. Causa e efeito não precisam ser de mesmo tipo. Apenas a experiência pode ensinar quais fatores pertencem uns aos outros como causa e efeito. Pelo menos, deveria objetar à interação do heterogêneo aquele que ensina a sua unidade substancial: pois a ligação substancial dos dois mundos deve, sim, ser uma ainda mais intrínseca do que a meramente causal.

Os movimentos automáticos apenas provam o que já sabemos de outro modo — que o mesmo efeito pode decorrer de diferentes combinações de condições. As condições têm, também em consequência da doutrina do paralelismo, de ser diferentes para os movimentos executados *com* e *sem* consciência. Os processos centrais, de acordo com isso, têm de possuir alguma diferença que corresponda à falta e à presença da consciência. Assim, permanece, contudo, em aberto, se se encontra a diferença dos casos [80] no fato de que a consciência, em um caso, pertence ela mesma conjuntamente às condições, mas no outro caso não. Os movimentos automáticos não possibilitam, um mínimo que seja, uma decisão entre as duas perspectivas.

No que concerne, por fim, à conservação da energia, parece-me, provisoriamente, que dois caminhos podem ser percorridos, para se fazer justiça ao postulado de uma interação geral (*einer allgemeinen Wechselwirkung*).

Primeiramente, já a distinção entre a energia potencial e a energia cinética ensina que o movimento não

9 [N.T.] As estruturas frasais deste parágrafo têm uma complexidade peculiar porque cada frase após a primeira enumera mais um tema no qual Stumpf diz não querer adentrar. No original, a primeira frase diz “*Ich will nicht auf die Schwierigkeiten eingehen*” e cada uma das subsequentes começa apenas com “*Nicht auf das / die...*”, estabelecendo regência pelo mesmo verbo.

10 [N.T.] “*Zur Sache selbst*” — Stumpf emprega aqui uma formulação que será depois, reconhecidamente, alçada à condição de mote da Fenomenologia de seu discípulo Husserl (Hua XIX, *Einl.*, § 2, p. 10)



permanece necessariamente conservado sob a forma de movimento. Mas mesmo a despeito disso, a validade da lei é independente da representação intuitiva de que todos os processos da natureza consistam em movimento. Expresso sem qualquer acréscimo hipotético, trata-se, antes, de uma lei da transformação: quando energia cinética (força viva de um movimento visível) é transformada em outras formas de força e estas, por fim, são transformadas de volta em energia cinética, então se evidencia a mesma soma que foi dispendida. No que consistem essas outras formas de energia — sobre isso a lei não diz o mínimo. Seria, assim, possível, como creio, ver o psíquico como uma acumulação de energias de tipo próprio, que teriam o seu equivalente mecânico preciso. Certas funções psíquicas seriam articuladas [81] a um dispêndio contínuo, outras a uma produção igualmente contínua de energia física. Na apreensão mais próxima dos processos cerebrais, que deveriam ser vistos como causas ou efeitos imediatos de atividades anímicas (*Seelentätigkeiten*), contudo, apareceriam algumas representações inabituais na esteira dessas proposições; mas aqui tudo está ainda, em geral, em fluxo.

Assim, tanto quanto posso ver, seria pensável uma mecânica psicofísica (e sua construção hipotética seria pelo menos tão satisfatória quanto esforços análogos a partir de outros pontos de vista), que inserisse os processos espirituais nas leis gerais das conexões causais e, através disso, apenas, fundasse uma visão monista em sentido verdadeiro. Pois, de um todo mundano unitário, devemos esperar não tanto a homogeneidade dos elementos ou processos, mas a generalidade das conexões causais e a unidade das mais elevadas e últimas leis.

Ao mesmo tempo, essa perspectiva tem a vantagem de que a sua relação, que permanece de fora a fora indefinível para o monismo paralelista, é subsumida ao conceito causal geral e, através disso, vem em grande medida ao encontro da necessidade do entendimento e da economia do pensamento.¹¹ Também, o conhecimento já há muito familiar aos filósofos e não mais estranho aos físicos mais recentes, [82] de que, nos átomos e seus movimentos, tal como eles servem à Física Mecânica para a dedução de suas fórmulas, lidamos apenas com símbolos, e que as próprias fórmulas matemáticas abstratas, que formam a mais abreviada expressão dos fatos e nada dizem sobre a natureza qualitativa dos processos físicos, podem vir a ajudar decisivamente nessa abordagem da coisa.

Não obstante, há para aqueles que não simpatizam com isso ainda outro caminho aberto para inserir o físico nas conexões causais gerais, sem ferir a lei da energia. Os estados psíquicos poderiam ser de tal modo efeitos e causas de processos físicos, que nenhum decréscimo ou acréscimo da energia física, mesmo que passageiro, fosse articulado com essa interação (*Wechselwirkung*). Diríamos: um determinado processo nervoso em uma determinada região do córtex cerebral é a pré-condição regular para o vir à tona de uma determinada sensação; esta é eliciada por ele como uma consequência necessária *junto* aos efeitos físicos (o que já basta para a distinção em relação à teoria do paralelismo). Mas essa parte das consequências não absorve nenhuma energia psicofísica e não pode, em sua relação com as condições, ser expressa em conceitos e leis matemáticas. Do mesmo modo, [83] se um determinado processo vem à tona nos centros motores do córtex não através de condições meramente fisiológicas, mas constantemente sob efeito concorrente (*Mitwirkung*) de um determinado estado psíquico (afeto, vontade), sem que, contudo, o *quantum* de energia física seja influenciado por ele.

Através disso, ter-se-ia em vista uma aproximação da doutrina do paralelismo e até mesmo algum paralelista poderia servir-se (decerto inconsequentemente) de uma tal perspectiva como sua. Considerações ulteriores, que conduziriam a uma investigação do conceito causal, podem ser aqui omitidas, já que estou preocupado apenas com a indicação dos caminhos que primeiramente se apresentam quando se considera inadmissível a absoluta ausência de influência recíproca dos dois domínios.

Em contraposição, gostaria de tocar ainda em uma reorientação da pergunta inteira, que tenta muito mais radicalmente pôr ordem às dificuldades, no que ela designa a divisão entre ambos os domínios, de fora a fora, como um equívoco. O mundo físico seria, assim se argumenta aí, ele próprio apenas uma soma de aparecimentos sensíveis, bem como, por outro lado, a vida espiritual consistiria apenas em aparecimentos sensíveis; de modo que não se pudesse falar de uma heterogeneidade — os “elementos” seriam em todo lugar os mesmos e o problema inteiro desapareceria. Isso de acordo com Mach, em especial, em seu tão [84] lido escrito sobre *Análise de Sensações*.¹²

Quase poder-se-ia invejar os adeptos dessa doutrina acerca da elevação, do ponto de vista gnosiológico e psicológico, que eles acreditam ter alcançado com um caminho tão curto. Mas ambas as proposições sobre as quais eles se apoiam não têm, elas próprias, quaisquer apoios nos fatos. Aquilo em que se encontram as relações legais que constituem o objeto e a meta da investigação da natureza não são jamais os aparecimentos sensíveis. Entre estes, tal como eles se oferecem à consciência própria de cada qual, *não* subsiste a consequência e coexistência regulares que o investigador natural afirma em suas leis. Elas subsistem, simplesmente, no interior dos processos que estatuímos e *temos* de estatuir como ocorrendo *além* dos aparecimentos sensíveis, independentemente da consciência, *se* se deve falar de legalidade em geral. Se não podemos, também, de modo algum conhecer isto que é efetivo em si mesmo e suas relações apenas na forma inteiramente abstrata de equivalências, a própria intuição do espaço, na qual costumamos sentir essas relações, pode ser um símbolo prescindível: essas relações legais e aquilo que jaz nelas compõem o “*mundo físico*” da ciência, enquanto os aparecimentos físicos, a partir dos quais o mundo físico da [85] consciência comum se constroi, têm simples-

11 [N.T.] A expressão se refere a uma tese aventada por Ernst Mach, segundo a qual nosso psiquismo é marcado por uma natureza fundamentalmente econômica e destinada ao menor dispêndio de força / energia para a obtenção do melhor resultado (Mach, 1903, p. 34. Cf. Xirau, 1996, pp. 23 e 24). Husserl, em seus *Prolegomena zur reinen Logik*, ocupa-se criticamente da doutrina (Hua XVIII, §§ 52-56, pp. 196-213).

12 [N.T.] Cf. Mach, 1903, pp. 7-17, 50-51.



mente a significação de pontos de partida para a investigação daquele mundo puramente matemático — eu quase diria, algébrico. É difícil para mim dizer a um conhecedor da história da ciência, como Mach, que ele teria deixado de reconhecer ou mesmo posto de cabeça para baixo a verdadeira tendência das investigações físicas. Mas a maior reverência pessoal e científica não pode mudar convicções.

Para que, em segundo lugar, o mundo *psíquico* que vivenciamos no pensar, sentir e querer, possa ser, continuamente, dissolvido em aparecimentos sensíveis, a história da Psicologia não oferece até agora nenhuma garantia. Pelo contrário: todas as tentativas, desde o tempo de Condillac de se conduzir uma tal análise fracassaram. Mesmo que isso não prove, sem mais, uma impossibilidade para todo o futuro, ter-se-á de admitir que parece menos justificada a segurança dogmática de que a afirmação da analisabilidade deva ser colocada imediatamente no topo, como um axioma lógico que não precisa de nenhuma prova.

Assim, se vejo corretamente, também esse *monismo sensualista* dissolve-se em nada. O passo efetivo da ciência certamente refutou as suas afirmações para o mundo físico e, para o psíquico, não as confirmou um mínimo que seja.

[86] Por fim, parece-me também que o assim chamado *monismo idealista*, ou melhor *psiquista* (*psychistische*), que se apresenta, do mesmo modo, como uma superação ou uma apreensão superior da velha doutrina do paralelismo, em verdade, não conduz para além das dificuldades, mas apenas as esconde. Ele pretende encontrar a solução na tese de que o mundo corporal, que segue em paralelo ao espiritual, não seja ele mesmo corporal, mas sim espiritual, que, portanto, extensão e todas as demais propriedades que habitualmente são vistas como características da corporeidade, sejam apenas aparecimentos. Toda efetividade seria psíquica, em última instância. Essa perspectiva se distingue da forma paralelística do panpsiquismo apenas porque aquela estatui, junto a e em um mundo físico real, um mundo psíquico que se estende por sobre tudo (seja ele real, seja ele mero aparecimento), enquanto a aqui visada forma do panpsiquismo suspende a realidade do mundo físico e deixa valer apenas aquela do psíquico.

Agora, deve-se pensar: onde há causalidade, também há realidade; enquanto não estivermos em condições de entender a lei da queda dos corpos como lei de uma atividade voluntária e de verificá-la em atividades voluntárias observáveis, ela tem de ser vista como lei de uma realidade não psíquica. Mas deixemos essas preocupações. O que, então, propriamente se ganhou para o combate contra o mau dualismo, [87] quando se definiu as coisas físicas como meros aparecimentos? Pode-se, através disso, decretar a expulsão do corporal? São os aparecimentos um absoluto nada — a extensão, a forma, a cor efetivamente desapareceram do mundo? Se não, onde permanece o monismo? E não é, então, justamente enfatizada a diferença e a oposição quando elas são comparadas, enquanto aparecimentos, com o ente existente (*Wesen*)? Estamos, francamente falando, mais às claras acerca da relação do que antes? Por que, então, o ente existente tem, em geral, de aparecer e aparecer tão diferentemente de si mesmo?

Pelo menos para mim, permanece compreensível como homens brilhantes podem, mesmo que só por um momento, confundir-se acerca do fato de que, com tais expressões, o problema de que pretendem se ver livres apenas *começa* e que estas, mesmo consideradas apenas como expressões, significam um *retrocesso* perante colocações proveitosas da pergunta a que já fomos conduzidos, neste caso, por outros pontos de vista. Pois aquelas expressões, de fato, desencaminham no que se conciliam com a confortável distinção “ente existente — aparecimento” e assumem a relação entre ambos como algo conhecido, claro por si e sem necessidade de explicação.

Assim, de acordo com isso, acredito poder dizer o seguinte: através destes métodos curativos aparentemente radicais, [88] o dualismo não é efetivamente superado, mas apenas, no melhor dos casos, muda de lugar; contudo, absolutamente todas as doutrinas que encontram no mero seguir em paralelo a expressão inteira do enigma têm de ser abandonadas ou recompostas por razões similares — como, em seu tempo, a doutrina platônica das ideias e dos números, com a qual elas têm uma similaridade não proposital, mas muito impressionante. Também esta teve de deixar dizer sobre si que ela desnecessariamente duplicava o mundo, que as relações das coisas individuais apenas se repetiam nas ideias, que as ideias não contêm nenhuma força eficiente, que a fala sobre imagens das sombras ou imagens especulares seriam palavras vazias e que o mundo, através da mera subsistência de dois mundos próximos um ao outro, seria sem nexos como uma tragédia ruim. A diferença é apenas que Aristóteles pôde simplesmente apagar as ideias platônicas de novo, enquanto os processos espirituais nunca se deixam apagar e, por isso, têm de ser contados como membros de um mundo comunal e que jaz em contínua interação (*Wechselwirkung*).¹³

[89] Assim, designaremos também futuramente nossas sensações como efeitos do mundo exterior e nossas vontades como causas de nossas ações, sem ter de ver esse modo de se expressar que se obriga à consciência habitual como uma mera fala figurada. Enfatizo isso também para os pedagogos e juristas entre nós.

¹³ Pode-se, naturalmente, reconhecer um valor “heurístico” no princípio do paralelismo, do mesmo modo como ficções explícitas podem ser usadas como heurísticas por um longo tempo. Mas ele costuma aparecer com pretensões maiores e, por outro lado, não é em sua utilidade heurística conectado à sua forma popular momentânea, que expressamente exclui relações causais. Na tomada de posição contra a teoria do paralelismo e em favor da teoria da causalidade, encontro-me junto a Sigwart, muito embora em particularidades os caminhos se distanciem. Também W. James posicionou-se sabidamente contra a “teoria do autômato”. Seus argumentos em prol da causalidade do psíquico, baseados na doutrina da evolução, merecem consideração. Parece-me, em geral, um pensamento frutífero que as funções psíquicas originalmente seriam apenas esquemas de regulação para o organismo, mesmo que a sua presente significação para os organismos superiores não mais se resolva nisso. Eu não encontraria nenhuma dificuldade séria na admissão de que a vida psíquica (alma) tenha sido produzida em certos estágios de seu desenvolvimento pelos processos orgânicos (matéria orgânica) e que ainda agora o seja, no desenvolvimento de cada indivíduo.



Parece-me uma precipitação desnecessária quando mesmo representantes individuais da jurisprudência, que não vão ao encontro de influências filosóficas tão voluntariamente, apanhados pela corrente dos dias, comecem a negar a causalidade da vontade em relação às ações e a extrair movimentos apenas de movimentos. Com isso, não quero de modo algum condenar moral ou politicamente a doutrina do paralelismo, mas apenas aconselhar, e não tendo por base um [90] pressuposto não provado, a se tirar as mais amplas consequências.

Deve-se, decerto, sempre ter em vista a possibilidade de que o conceito de causa, que já recebeu diferentes interpretações ou re-conformações, em sua formulação presente, possa mais tarde mostrar-se efetivamente insuficiente para se descrever os fatos psicofísicos de modo completo e sem contradições. Não penso aqui na condenação do conceito de causa em geral por investigadores da natureza que reprovam toda fala sobre força e causa como fetichismo e querem colocar em seu lugar o conceito matemático de função. Eles têm em vista representações grosseiras de causalidade em vez de abstrações elevadas, tal como foram desenvolvidas especialmente por Lotze, em seu preciso pensamento. Eles jogam fora a água com o bebê. O conceito de causa de que o físico precisa não se recobre com o mero conceito de função, já porque esta não contém nada acerca de seqüências temporais e transformações. Mas o conceito de causa sob essa forma também não pertence, por outro lado, aos conceitos nucleares, inteiramente simples, do nosso entendimento, e é, por isso, capaz de se re-conformar de tal maneira que atributos próprios a um domínio podem se mostrar impróprios a um outro. E, assim, poderia ocorrer que ele, um dia, tivesse de ser modificado de algum modo [91] para as necessidades psicofísicas. Mas também aí não voltaríamos para a mera doutrina do paralelismo e sim buscaríamos chegar do presente conceito de causa a abstrações superiores, de modo similar, digamos, ao modo como o conceito matemático de espaço pode ser ampliado para a assim chamada multiplicidade. No entanto, provisoriamente, tanto quanto posso ver, o conceito presente e assentado de causa cumpre a sua função.

Mesmo o dualismo na constituição do que é efetivo (*des Wirklichen*), além da qual nós ainda não fomos, de acordo com o precedente, e que continuamente volta de alguma forma e em algum lugar, pode ser pensado, se quisermos nutrir sonhos audaciosos, como superado se aceitarmos, além das duas únicas formas de realidade dadas, incontáveis outras, sejam concomitantemente existentes, sejam derivadas umas das outras em um desenvolvimento temporal, como o espiritual pode ter sido derivado do físico. Já Spinoza pensava os dois “atributos” não como os únicos, mas apenas como aqueles acessíveis ao nosso entendimento, entre atributos infinitos que compõem a essência de Deus ou do mundo. E, de resto, se fugimos de especulações metafísicas que vão tão alto, o mero nome dualismo não deve nos perturbar tanto. Para muitos, ele soa como o mais grave impropério, que eles não querem em nenhum [92] caso deixar cair sobre si; a confusão mais lamentosa lhes é preferível a um dualismo. Não consigo encontrar nele algo tão temível, desde que sejam preservadas apenas a unidade do efeito conjunto (*des Zusammenwirkens*) e das leis mais elevadas.

Tenho de desistir, a essa hora, de ir além das considerações mais gerais às quais obriga o estado atual de uma questão já manejada há milênios. Também o próprio congresso não irá, presumivelmente, levar-nos mais adiante aqui, já que sobre tais objetos cada qual tem de se aconselhar em um trabalho de pensamento concentrado e solitário. Ainda assim, pareceu-me que uma palavra introdutória, mesmo que possa trazer a marca da conjectura individual, tenha de se relacionar, antes, a esta questão que jaz no centro de todos os nossos esforços, do que a quaisquer outras particularidades.

E deve ser destacado nesta ocasião, contudo, em contraste com uma resignação exagerada, que nós também progredimos aqui. As investigações sobre corpo e alma ganharam extraordinariamente em precisão desde os tempos de Descartes e Spinoza. A análise filosófica dos conceitos de substância e causa, a descoberta da lei de energia, o surgimento da Psicofísica, a incursão vitoriosa da doutrina da evolução, os progressos da anatomia e da fisiologia dos órgãos centrais, especialmente as [93] investigações sobre a localização das atividades espirituais: tudo isso contribuiu para desmembrar a questão posta a grosso modo em muitas mais precisamente apreendidas. Agora, nossa tarefa será afastar, também nessas coisas, toda abordagem da rigidez dogmática e não entrar em acordo, como o homem comum, sobre o mais difícil como se fosse o mais fácil e confiável. Também os conceitos são subjacentes a uma evolução, uma adaptação progressiva ao conhecimento mais preciso dos fatos. Também com os conceitos vale experimentar, manter ora este, ora aquele perante os fatos. E, após termos nos habituado a nos aproximarmos dos aparecimentos anímicos (*Seelenerscheinungen*) com aparatos, não queremos perder a oportunidade de, por igual, desenvolver o aparato lógico ainda além, para que ele percorra a crescente soma dos fatos sempre de forma mais clara e consequente.

Assim, abro os trabalhos deste congresso, na esperança e na convicção de que a troca pessoal preserve, também desta vez, a sua incomparavelmente estimulante força; que material significativo, pontos de vista frutuosos sejam trazidos a conhecimento; que preparem alguma concordância objetiva; que algumas oposições desnecessariamente exacerbadas sejam abrandadas; e, em todo lugar, que o sentimento do efeito conjunto (*Zusammenwirken*) entre os pesquisadores seja fortalecido.

Referências das Notas de Rodapé



- Brentano, F. (1869) Auguste Comte und die positive Philosophie. Erster Artikel. In: *Chilianeum. Blätter für katholische Wissenschaft, Kunst und Leben*. Neue Folge, II.
- Brentano, F. (1987) Auguste Comte und die positive Philosophie. In: *Geschichte der Philosophie der Neuzeit*. (pp. 246- 294) Aus dem Nachlaß herausgegeben und eingeleitet von Klaus Hedwig. Hamburg: Felix Meiner. Philosophische Bibliothek Bd 359.
- Brentano, F. (1982) *Deskriptive Psychologie*. Aus dem Nachlaß herausgegeben und eingeleitet von Roderick M. Chisholm und Wilhelm Baumgartner. Hamburg: Felix Meiner. Philosophische Bibliothek Bd. 349.
- Brentano, F. *Psychologie vom empirischen Standpunkte*. Leipzig: Duncker & Humblot, 1874.
- Fischer, M. Wehrle, M. (2010) Leib. In: H. Gander (ed.) *Husserl-Lexikon*. (pp. 188-191) Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Helmholtz, H. (1903) Über die Wechselwirkung der Naturkräfte und die darauf bezüglichen neuesten Ermittlungen der Physik. In: *Vorträge und Reden*, Erster Band. (pp. 48-83) Braunschweig: Druck und Verlag von Friedrich Vieweg und Sohn.
- Husserl, E. (1976) *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologische Philosophie*. Erstes Buch. Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. Neu herausgegeben von Karl Schuhmann. Den Haag: Martinus Nijhoff. Husserliana Bd. 3/1.
- Husserl, E. (1975) *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik. Herausgegeben von Elmar Holenstein. Den Haag: Martinus Nijhoff. Husserliana Bd. 18.
- Husserl, E. (1984) *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Erster Teil. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Herausgegeben und eingeleitet von Ursula Panzer. Den Haag: Martinus Nijhoff. Husserliana Bd. 19/1.
- Mach, E. (1903) *Die Analyse der Empfindungen und das Verhältnis des Physischen zum Psychischen*. Jena: Verlag von Gustav Fischer.
- Spiegelberg, H. (1965) *The Phenomenological Movement. A Historical Introduction*. The Hague: Martinus Nijhoff. Phaenomenologica 5.
- Stumpf, C. (1910) Anfänge der Musik. In: *Philosophische Reden und Vorträge*. (pp. 225-261) Leipzig: Verlag von Johann Ambrosius Barth.
- Stumpf, C. (1896) L'âme et le corps. In: *La Revue Scientifique*. v. 6, n. 11. pp. 321-326
- Stumpf, C. (1924) Selbstdarstellung. In: R. Schmidt (ed.) *Die Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*, Bd. 5. (pp. 204-265) Leipzig: Meiner.
- Stumpf, C. (1973) Über den psychologischen Ursprung der Raumvorstellung. Leipzig: Verlag von S. Hirzel.
- Xirau, J. (1966) *La filosofía de Husserl*. Buenos Aires: Ediciones Troquel.